

Crime sem castigo: Questões de gênero na imprensa brasileira - o caso Abdelmassih

Lieli Loures Malard - Universidade de São Paulo/Escola de Comunicação e Artes¹

Resumo: Este artigo se propõe a pensar as relações entre o discurso da imprensa e a construção da imagem feminina na cobertura dos casos de violência de gênero. O campo de atuação da pesquisa é a cobertura do caso Roger Abdelmassih; o objetivo de analisar possíveis ligações entre o discurso da imprensa, a formação da opinião pública na construção da imagem feminina. Ao relatar as notícias sobre Roger Abdelmassih, o jornal Folha de S. Paulo não traz novos conteúdos para a questão da violência de gênero, apenas repete o senso comum: as mulheres são culpadas pela violência sexual que sofrem. Mesmo admitindo a existência de um discurso jornalístico imparcial, seria apropriado considerar que a imparcialidade, em certos casos, pode significar uma tomada de posição. Este artigo irá analisar o discurso da Folha de S. Paulo apontando o uso da retórica como um meio de convencer o público.

Palavras-chave: Violência de gênero; feminismo; Roger Abdelmassih; construção da cidadania; análise de discurso

Introdução

O presente artigo é fruto de uma pesquisa ainda em fase inicial que se originou a partir do incomodo com a cobertura da imprensa brasileira dos casos de violência de gênero². Utilizando como campo de investigação a Análise Crítica do Discurso, propomos analisar o discurso jornalístico na cobertura da violência de gênero por considerá-lo o principal elemento de negociação entre as práticas comunicacionais e a cultura; afinal, a ampliação dos direitos da cidadania através do direito à informação passa justamente pela construção dos conteúdos e estruturas que compõem a notícia.

Entendemos que a informação numa sociedade de massa é fundamental para a ampliação da democracia, afinal, é também no espaço midiático que os cidadãos adquirem o conhecimento necessário para o exercício de seus direitos civis, sociais e políticos. Devido à tal importância, chama a atenção o modo como a imprensa brasileira cobre os casos de

¹ Mestranda na ECA/USP, desde 2013. Bacharel em jornalismo desde 2002. Sua pesquisa é voltada para a análise do discurso da imprensa na cobertura dos casos de violência contra a mulher. Sua carreira jornalística é focada em comportamento e cultura e passa pela colaboração em cadernos e revistas nacionais e internacionais. Como autora idealizou e publicou o projeto literário Diário de Bordo que em sua segunda edição foi subsidiado pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Email: lieli.loures@usp.br

²Violência de gênero consiste em qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como no privado. A violência de gênero é uma manifestação de relações de poder historicamente desiguais entre homens e mulheres, em que a subordinação não implica na ausência absoluta de poder. Definição baseada no Artigo 5º do Código Civil Brasileiro – Lei Maria da Penha e no conceito de gêneros da autora Maria Amélia de Almeida Teles.

violência de gênero. Tratando da questão em cadernos como ‘Cidade’ ou ‘Policial’, as reportagens, geralmente, reduzem a violência contra mulher ao recinto doméstico ou às relações pessoais, negligenciando o caráter social que é inerente à questão.

O autor Victor Gentilli (2005) coloca o jornalismo como instrumento para a construção da cidadania quando aponta o direito à informação como sendo crucial para a consolidação da democracia de massa³. Nesse sentido, pensar o imbricamento entre a comunicação de massa e a construção da imagem feminina é repensar a construção do conceito de cidadania, uma vez que a igualdade, premissa básica da democracia⁴, pressupõe o nivelamento das desigualdades.

Os direitos sociais não concebem mais o homem como algo abstrato ou genérico (fundamento da igualdade jurídica que define sobretudo o direito civil), mas faz surgir “personagens como sujeitos de direito”: o trabalhador, a mulher, a criança, o idoso, o doente, o deficiente físico, o consumidor (GENTILLI, 2005, p. 105).

Parece-nos impossível pensar a evolução dos direitos civis, sociais e políticos excluindo o peso que a informação teve e tem neste processo. Apesar do jornalismo não ser um campo da ciência, Gentilli ressalta que o jornalismo enquanto campo de mediação é de valor singular para cientistas e historiadores (GENTILLI, 2005, p. 9). Nesta perspectiva, consideramos a análise do discurso da imprensa na cobertura da violência de gênero uma possibilidade de verificar sua contribuição para a construção da cidadania - especificamente no que diz respeito à posição social da mulher.

³ Gentilli (2005, p. 72) adota o “resumo definidor” de Daniel Bell para explicar seu conceito de sociedade de massa. “Diz Bell (1980, p. 16-17): as revoluções nos transportes e nas comunicações têm colocado os homens em um contato mais estreito entre si e produzido novas formas de relacionamento; a divisão do trabalho tem produzido eventos mais independentes; as tensões de uma parte da sociedade se transmitem a todas as outras. Não obstante esta maior interdependência, porém, tornam-se mais estranhos uns aos outros. As velhas ligações de grupos primários familiares e da comunidade local se despedaçaram; as antigas fés paroquiais estão colocadas em dúvida; poucos são os valores unificadores que permanecem no lugar. Além disso, os padrões críticos de uma elite culta não formam mais a opinião e o gosto. O resultado é que costumes e moralidade estão continuamente em movimento, as relações entre os indivíduos são mais tangenciais e setorializadas do que propriamente orgânicas. Ao mesmo tempo, uma mobilidade maior, espacial e social, intensifica a sua pressão sobre o *status*. Ao contrário de um *status* fixo ou conhecido, simbolizado pelo hábito ou pelo título, cada pessoa assume uma multiplicidade de papéis e deve constantemente provar a si mesmo no suceder-se de novas situações. Devido a todos estes fatores, o indivíduo perde um coerente sentido de si mesmo e a sua ansiedade aumenta”.

⁴ Tomemos a mesma cautela que Gentilli ao usar o conceito democracia. O autor salienta que a *idéia* de democracia vigente parte de um acordo socio-político admitido pela maioria que rejeita a diferenciação entre os homens. Entretanto a aceitação do conceito não é suficiente para que os governos e sociedades sejam capazes de executá-lo.

Pensar a estrutura narrativa que pauta as coberturas da imprensa é ir fundo na análise da construção deste discurso, o autor Teun A. Van Dijk (2008) nos fala das posições ideológicas embutidas no discurso da imprensa que, em última análise, refletem o pensamento hegemônico e os valores exaltados pelo senso comum⁵. A relação entre a linguagem e o posicionamento ideológico é inevitável para o autor. Reproduzindo suas palavras, “uma abordagem discursiva analítica é apropriada porque a maior parte da manipulação, como nós entendemos essa noção, desenvolve-se através da fala e da escrita” (DIJK, 2008, p. 234).

O objeto deste trabalho é a cobertura dos jornais Folha de São Paulo no caso do ex-médico Roger Abdelmassih⁶. Focando na análise do discurso jornalístico construído para apresentar ao público a história do médico que molestou e estuprou mais de 50 pacientes, pretende-se investigar: a) como a imprensa lida com a cobertura dos casos de violência de gênero; b) a influência do discurso da elite na construção do discurso da imprensa; c) as ligações entre a construção do discurso da imprensa e suas implicações na formação da opinião pública a respeito da mulher vítima de violência de gênero. Consequentemente, a pesquisa buscará entender em que medida o discurso da imprensa contribui para a manutenção do discurso machista. Ao mesmo tempo, analisará o posicionamento dos indivíduos nas redes sociais, onde a opinião pessoal é emitida pelo próprio usuário e não através de um jornalista.

Procedimento Metodológico

A pesquisa é baseada na leitura do jornal Folha de São Paulo, no ano de 2009, utilizando como instrumento-chave de investigação a Análise do Discurso, um campo que oferece variado arcabouço para avaliar as estruturas e estratégias da escrita e da fala.

Em outras palavras, a Análise do Discurso está interessada no estudo (crítico) de questões e problemas sociais, da desigualdade social, da dominação e de fenômenos relacionados, em geral, e no papel do discurso, do uso linguístico ou da comunicação em tais fenômenos, em particular (DIJK, 2008 p.10).

⁵ Van Dijk defende que a imprensa trabalha com a noção de script, seguindo um roteiro que irá nortear o entendimento da notícia. Esse script é uma espécie de moldura sócio-cognitiva que preside a confecção e leitura dos textos. Está ligado ao conhecimento prévio que o leitor tem do mundo, ao contexto social onde se formam as generalizações e reducionismos que conformam o senso comum.

⁶ O renomado especialista em reprodução *in vitro* foi condenado, em 2010, por 56 estupros e atentado violento ao pudor perpetrados contra suas pacientes.

As pesquisas no campo da Psicologia Cognitiva, que adota a noção do processamento da informação para entender o comportamento humano, têm muito a dizer. O autor, Mayer (1981, apud Both, 1989) define formalmente psicologia cognitiva como: a análise científica do processo mental humano e estruturas (construção) com o objetivo de entender o comportamento humano. Já para Sternberg (2000) a psicologia cognitiva trata do modo como as pessoas percebem, aprendem, recordam e pensam sobre a informação. De um modo geral, os estudiosos da psicologia cognitiva estudam as bases biológicas da cognição, tanto quanto as imagens mentais, a atenção, a consciência, a percepção, a memória, linguagem, a resolução de problemas, a criatividade, a tomada de decisões, o raciocínio, as mudanças cognitivas durante o desenvolvimento ao longo da vida, a inteligência humana, a inteligência artificial e vários outros aspectos do pensamento humano.

Com a ajuda desses dois campos do conhecimento, pretende-se, portanto, entender como os mecanismos que a imprensa emprega na cobertura da violência de gênero podem afetar a formação da opinião pública a respeito da imagem das vítimas e; por conseguinte, como isso impacta na construção da imagem da mulher. A aplicação da Psicologia Cognitiva é essencial para entendermos como os mecanismos de construção da notícia afeta a construção do nosso juízo de valor. Partiremos da premissa de que discurso é poder e a divulgação do discurso pode significar controle social.

Um olhar mais atento à cobertura da imprensa nos casos de violência de gênero suscita questionamentos quanto às escolhas jornalísticas sobre o tema. Em outras palavras, o pauta as escolhas da imprensa? Como se dá o mecanismo de construção da notícia? É importante ter em mente que os jornalistas que estão por trás das edições que lemos diariamente são membros da elite intelectual de nosso país.

Análise da Notícia

Por hora, este artigo se propõe apenas a verificar a estrutura da notícia que tornou público os atos de violência sexual cometidos pelo médico contra suas pacientes; mostrando que a apresentação dos fatos não se faz de forma isenta, mas se vale da retórica cujo objetivo é, de acordo com Chaim Perelman (2004), provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às

teses que se lhes apresentam ao consentimento. Ao fazer isso, alguém age, visando obter o acordo do auditório. Entendendo retórica como a conjugação dos três elementos que a compõem: *lógos*, *éthos* e *páthos*, o discurso midiático será analisado sob o ponto de vista da nova retórica, que entende que para a argumentação ser completa é impossível desassociar seus elementos. A conjugação simultânea dessas três dimensões culmina na arte do convencimento, da persuasão, da manipulação.

Éthos – é o tipo de prova centrada no carácter/ética do orador que deve ser virtuoso para conseguir a confiança do seu auditório. Dimensão do discurso ligada à construção da imagem do orador.

Páthos – tipo de prova centrada no auditório emocionalmente pressionado e seduzido. Dimensão do discurso ligada à paixão e emoção.

Lógos – prova centrada em argumentos e discurso bem estruturado do ponto de vista lógico-argumentativo, para que a tese se imponha como verdadeira. Dimensão do discurso ligada à razão.

No lead da notícia, Roger Abdelmassih é apresentado através de suas melhores credenciais: médico renomado, mais procurado pela elite nacional para fertilização in vitro, enquanto as vítimas são mulheres entre 30 e 40 anos, casadas, bem-sucedidas profissionalmente e que não aceitam revelar suas identidades. Tomando a definição de éthos onde Charaudeau afirma que “não existe ato de linguagem que não passe pela construção de uma imagem de si. O ethos é como um espelho onde se refletem os desejos dos outros” e colando tal afirmação ao discurso da Folha de S.Paulo, é possível dizer que enquanto constrói a notícia, o jornal corrobora para a perpetuação de valores pré definidos; pois não se pode ignorar o que representa a figura de um médico no imaginário social. Também é preciso lembrar que a construção da imagem feminina faz parte de um ideário que por gerações privilegiou o homem em detrimento a mulher, subjugou sua capacidade intelectual e suspendeu seus direitos, inclusive os básicos como a decisão sobre o próprio corpo e escolha de parceiros⁷. Portanto, se o jornal não constrói efetivamente uma imagem feminina,

⁷ O direito ao aborto ainda é uma polêmica que está longe do fim. Em vários países nem o estupro dá direito à mulher de interromper a gravidez. O casamento forçado continua sendo uma realidade para milhares de jovens. Pela primeira vez na história, na corte inglesa, se discute a criminalização deste costume.

contribui para consolidar e perpetuar o imaginário social a respeito desta questão em suas páginas. Analisemos qual seria essa imagem.

Em 09 de janeiro de 2009, o caderno Cotidiano, traz dentre outras, a seguinte manchete: Medico é investigado por supostos crimes sexuais. O título já contém o tom da matéria, que ao usar as palavras investigado e supostos, reforça a dúvida em relação a denúncia. No segundo parágrafo, temos a palavra acusadoras, para se referir às vítimas.

A reportagem é composta por 32 parágrafos, 152 linhas, 1.212 palavras e 7.296 toques. No corpo do texto, a palavra vítima é usada cinco vezes. Duas em aspas dos promotores, uma em aspas de Abdelmassih. As outras duas vezes em que o jornal usa a palavra vítima para se referir às mulheres atacadas, usa da seguinte forma: supostas vítimas e ex-paciente que acredita ter sido vítima. O jornal usa a estratégia de desqualificação do adversário⁸, pois a escolha da termo acusadoras no lugar de vítimas atribui desconfiança e dúvida às mulheres e seus relatos, abrindo margem para questionamentos sobre a veracidade de suas histórias e intenções. O éthos das vítimas sofre descrédito. Esse tipo de postura social é bastante comum em casos de mulheres violentadas, elas frequentemente são responsabilizadas pelos ataques que sofrem⁹, há uma inversão de papéis e o agressor assume o lugar de vítima¹⁰.

O texto continua e, apesar do promotor afirmar à repórter que há indícios contundentes contra Abdelmassih, suficientes para denunciá-lo, ela ignora a fala e conclui em seu texto que

“O Ministério Público não tem prova material contra o médico, apenas relatos”.

⁸ Estratégia de desqualificação é um artifício retórico muito comum e que está presente nas obras de Patrick Charaudeau e Teun A. Van Dijk.

⁹ Em 2004, a Amnesty International publicou o relatório “Lives blown apart: crimes against women in times of conflict” que fazia o levantamento da violência sexual cometida contra mulheres de todas as idades em tempos de guerra, em diversos países da Europa e África. Dentre os relatos, principalmente das africanas, mulheres contam sobre o preconceito que sofreram por serem vítimas de estupro. A grande maioria foi abandonada pelos maridos ou família. As mulheres esturpadas eram vistas em suas vilas como responsável pela violência sofrida. Estigmatizadas, muitas se prostituíram para sobreviver e outras foram obrigadas abandonaram suas casas e vilarejos sob ameaça de morte.

¹⁰ Dos casos mais emblemáticos dessa inversão é o de Ângela Diniz, quando, no fim da década de 1970, o advogado de defesa Evandro Lins e Silva sustenta a tese de legítima defesa da honra, inocentando o assassino Doca Street, que anos mais tarde seria condenado.

Esses relatos, assim como os acontecimentos que circundam todo o caso, são construções da dimensão do *lógos*, o jornal apresenta dados, fatos, falas dos personagens envolvidos de forma a simular um discurso racional, que deve ser lido como verdadeiro. Mas curiosamente, quando fala, o jornal traz escolhas que deixam transparecer seus valores. Por exemplo quando explica a investigação, o texto diz:

“O crime investigado é ato violento ao pudor (ato libidinoso diferente de estupro)”...

O contexto e a estrutura da frase esconde suas intenções nas entrelinhas, e por que não dizer, induz a conclusão que o leitor deve chegar: não houve estupro. É interessante observar que a repórter faz a distinção entre um e outro, mas não explica o que é ato libidinoso e tampouco que ato libidinoso¹¹ pode conter conjunção carnal, que é o termo judicial que define coito sexual. O coito sexual sem consentimento é definido como estupro. Embora a diferenciação entre estupro e ato libidinoso presente na reportagem não seja satisfatória, pois apenas permeia bastante superficialmente a questão, sua presença deixa clara a intenção de estabelecer a diferença para o leitor. O mesmo não acontece com as questões jurídicas do processo, pois poderia interessar ao leitor saber a diferença entre ser investigado e indiciado, por exemplo. Tecnicamente, qualquer investigação é sobre uma hipótese que foi considerada factível e portanto, merece apuração. O texto reforça a dúvida sobre a veracidade da hipótese quando reafirma que Abdelmassih está sendo investigado por supostos crimes. Esse jogo de palavras e a escolha do vocabulário responde a uma construção de sentidos previamente estabelecida no imaginário social, correspondendo ao que o autor Van Dijk define como *script* do jornal¹². Desse modo, ainda que o jornal tenha legitimidade e credibilidade para produzir uma reportagem isenta, guiada pelo *lógos*, ou seja, por fatos e dados concretos, a escolha de vocabulário e a estrutura do texto não superam o *status quo* feminino arraigado no senso comum.

¹¹ Ato libidinoso é todo ato de satisfação da libido, isto é, de satisfação do desejo ou apetite sexual e não consta por si só no código penal brasileiro. São atos libidinosos mais comuns a conjunção carnal, o coito anal, a prática de sexo oral, a masturbação e o beijo lascivo. Não só estes, mas todo e qualquer ato humano realizado com o fim de satisfazer ao desejo sexual, realizado isoladamente ou em relação à outra pessoa. Apalpar ou abraçar, lambar ou simplesmente tocar partes do corpo humano podem ser atos libidinosos. Também desnudar ou despir alguém. Realizar aquelas ações com objetos que imitem ou não o corpo ou partes do corpo humano, igualmente, pode constituir ato libidinoso.

¹² Em sua obra, Van Dijk defende que a imprensa trabalha com a noção de *script*, seguindo um roteiro que irá nortear o entendimento da notícia. Esse *script* está ligado ao conhecimento prévio que o leitor tem do mundo, ao contexto social onde se formam as generalizações e reducionismos que conformam o senso comum.

Há na reportagem dois boxes com os seguintes subtítulos: Denúncia Rejeitada e Anonimato, não haveria outra forma de noticiar a escolha das vítimas, que optam por proteger suas identidades quando o que está em jogo é a exposição de suas vidas íntimas na reivindicação de justiça?

O pathos é verificado nos relatos tanto do ex-médico quanto das vítimas. São depoimentos dramáticos e emocionados. Apesar das histórias contadas pelas mulheres trazerem dados mais impactantes, quando o jornal reproduz suas falas, a construção de suas frases ou o contexto de suas histórias são sempre envoltos por incertezas. Isso ocorre pela escolha dos verbos dissendes e auxiliares. Um exemplo é o depoimento de uma ex-paciente que acredita ter sido vítimas de violência sexual enquanto estava sedada em 1999. Não é difícil imaginar um advogado de defesa usando essa frase para questionar a veracidade da acusação, pois alguém sedado já teria dificuldades de distinguir a realidade. Aqui, temos ainda o agravante do fato ter ocorrido dez anos atrás. Outra mulher, que no texto é apresentada como Cláudia, conta que foi atacada pelo médico em 2003, o jornal reconta seu depoimento da seguinte forma:

“Cláudia afirma ter entrado em depressão. ‘Eu carregava cinco embriões em meu útero, não poderia abandonar a chance de ser mãe, mas não queria voltar. Fiquei pensando se tinha culpa, se tinha dado alguma abertura a ele’”.

A frase ‘Cláudia afirma ter entrado em depressão’ poderia ter sido escrita de outra maneira, por exemplo: Cláudia entrou em depressão. Isso é um indício de que a jornalista não trata as afirmações das mulheres como verdadeiras. Aqui fica claro que o uso freqüente de verbos auxiliares na construção dos depoimentos das mulheres é uma escolha e põem em dúvida os relatos.

No caso de Bruna, a descrição é a seguinte:

“ ‘À medida que despertava, me vi sentada na maca, escorada pelo médico, que me dizia para continuar beijando-o na boca’ (...) Bruna afirma que, ao recobrar a consciência, viu Abdelmassih com a braguilha da calça aberta, usando a mão dela para se masturbar (...) Bruna afirma que não levou o caso à polícia por temer eventual retaliação de Abdelmassih”.

Uma alternativa para esta construção poderia ser: Quando Bruna recobrou a consciência, viu Abdelmassih com a braguilha da calça aberta, usando a mão dela para se masturbar. Por medo de retaliação, Bruna não conseguiu denunciá-lo.

Quando aparecem os depoimentos de Abdelmassih, seus relatos são apresentados de maneira direta, sem verbos auxiliares:

“À Folha, Abdelmassih repudiou as acusações e disse ver ação orquestrada por concorrentes. ‘Não sou louco... Tenho 20 mil pacientes que se submeteram à fertilização in vitro, são 7.500 crianças nascidas... Vou levar um caminhão de testemunhas,’ afirma o médico”.

Em resposta ao caso da paciente Bruna, já no último parágrafo da reportagem, o texto é encerrado com a seguinte fala:

“Abdelmassih também não comentou esse caso por não conhecer a identidade da acusadora. ‘Como vou saber se de fato é uma ex-paciente?’”

Conclusão

A posição que o jornal toma diante do fato pode ser percebida no final da reportagem. De outro modo, o texto poderia terminar com dados do processo, com a fala dos promotores ou ainda, com aspas de uma das vítimas. A pergunta de Abdelmassih¹³ é a pergunta que o jornal quer que o leitor se faça. O benefício da dúvida assegurado a Abdelmassih pela lei (todos são inocentes até que se prove o contrário) é usado pelo jornal. Porém, a notícia favorece a construção pejorativa da imagem das mulheres, que são tratadas como “acusadoras” e nunca como vítimas pelo jornal. O texto jornalístico que se pretende imparcial não sustenta tal quesito. A Folha de S.Paulo atribui valor aos fatos, dados e ideias articuladas na reportagem. Essa construção retórica reflete o discurso machista da elite brasileira.

Referências Bibliográficas

¹³ Em novembro de 2010, Abdelmassih foi julgado e condenado a 278 anos de prisão. Ao todo foram 56 acusações formais. Ele perdeu sua licença médica e está foragido desde o julgamento.

- BLAY, Eva Alterman. *Assassinato de mulheres e direitos humanos*. São Paulo: editora 34, 2008.
- BURAWOY, Michael. *Ethnography Unbound – power and resistance in the modern metropolis*. Los Angeles: University of California Press, 1991.
- BROWN, J.A.C. *Técnicas de persuasão*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1963.
- CIVITA, Laura Taves. *O Melhor de Carmen da Silva*. Organização Laura Taves Civita, Seleção de Textos Julia Tavares. São Paulo: Editora Rosa dos Tempos, 1994.
- CATANIA, A. Charles, *Aprendizagem: Comportamento, linguagem e cognição*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- DIJK, Teun A. Van. *Discurso e Poder*. Tradução Judith Hoffnagel, organização Karina Falcone. São Paulo: Contexto, 2008.
- DIJK, Teun. Van. *Cognição, Discurso e Interação, Contexto*. Organização Ingedore Villaça Koch. São Paulo: Contexto, 1999.
- DIJK, T. Van: *Discourse as Structure and Process - a multidisciplinary introduction*. Editado por Teun A. Van Dijk. Londres: SAGE Publications LTD, 1998.
- EAGLY E CHAIKEN, *The psychology of attitudes*. Fort Worth, HBJ, 1993.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- GENTILLI, Victor. *Democracia de Massas: jornalismo e cidadania (Coleção Comunicação)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro – 11. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. *Representation: Cultural representation and signifying politics (Culture, Media and Identities)*, Londres: SAGE Publications LTD, 1997.
- HALL, Stuart. *Culture, media, language - working papers in cultural studies, Birmingham 1972-79*. Editado por Stuart Hall. New York: Routledge, 1991.
- HARVEY, David. *Condição Pós-moderna*. Tradução Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves – ed 14 – São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- MATTELART, Armand e Michèle. *História das teorias da comunicação*. Preparação: Saulo Krieger, Revisão: Maurício Balthazar Leal – 14. ed – São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- MEYER, Michel. *A Retórica*. Revisão técnica Lineide Salvador Mosca – São Paulo: Ática, 2007.

PERELMAN, Chaïm. Retóricas. Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão – ed. 2 – São Paulo: Martins fontes, 2004.

PETTY, OSTROM E BROCK. Cognitive responses in persuasion. Hillsdale, NJ.: Editora LEA, 1981.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. e ALMEIDA, Suely de Souza. Violência de Gênero: Poder e Impotência. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

SOOTHILL, Keith & WALBY, Sylvia. Sex Crime in The News. New York: Routledge, 1991.

UNWOMEN Repport Progresse of the world's women 2011-2012: in pursuit of justice. UN WOMEN, July 2011.

VALDIVIA, Angharad N.. Feminism, Multiculturalism and the Media: global diversities. Londres: SAGE Publications LTD 1995.

WOLF, Mauro. Teorias das comunicações de massa. Tradução: Karina Jannini – 3. ed. – São Paulo, Martins Fontes, 2008.